

NOTA TÉCNICA

OS AGENTES PRISIONAIS E A PANDEMIA DE COVID-19

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS

Gabriela Lotta
Giordano Magri
Carlos Eduardo de Lima
Débora Dossiatti de Lima
Marcela Correa

REALIZAÇÃO

Fundação Getulio Vargas
Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)



MAI/2020

OS AGENTES PRISIONAIS E A PANDEMIA DE COVID-19

MAIOR PARTE DOS AGENTES PRISIONAIS TEM MEDO DE CONTRAIR A COVID-19

VOCÊ TEM MEDO DE CONTRAIR A COVID-19?



MAIORIA DOS AGENTES PRISIONAIS TEM CONHECIDO OU FAMILIAR QUE SE CONTAMINOU.



COLEGA OU FAMILIAR TESTOU POSITIVO OU FOI DIAGNOSTICADO COM SUSPEITA DE COVID-19?

54,82%

dos agentes prisionais afirmaram que sim.

MAIS DE 80% DOS AGENTES PRISIONAIS NÃO SE SENTEM PREPARADOS OU NÃO SOBERAM RESPONDER SE ESTÃO PREPARADOS PARA ATUAR EM MEIO À PANDEMIA



O PERCENTUAL DE AGENTES PRISIONAIS QUE RELATA TER RECEBIDO ALGUM TIPO DE TREINAMENTO PARA ATUAR DURANTE A PANDEMIA É EXTREMAMENTE BAIXO

RECEBEU TREINAMENTO PARA LIDAR COM A PANDEMIA?

Sim **9,3%**

Não **90,7%**

MENOS DA METADE DOS AGENTES AFIRMA TER RECEBIDO EPI PARA ATUAR DURANTE A PANDEMIA

32,56%

Sim

Não

67,44%

OS AGENTES PRISIONAIS E A PANDEMIA DE COVID-19

APRESENTAÇÃO

A pandemia do Coronavírus é o maior desafio contemporâneo. E seus efeitos são sentidos de forma desigual entre os diversos grupos sociais. Nesse sentido, o sistema carcerário pode vir a concentrar uma das maiores taxas de infecção e mortalidade decorrentes da COVID-19 no país, o que infelizmente não está no centro do debate político atual. Só em São Paulo, até o momento foram registradas 22 mortes, sendo 12¹ de agentes penitenciários².

Com o isolamento social instaurado há quase dois meses em todo o país, é preciso pensar nos(as) profissionais que atuam face a face com os cidadãos, aquilo que a literatura sobre políticas públicas chama de “linha de frente” ou “nível da rua”. Em relação ao sistema carcerário, os profissionais que desempenham esse papel são os agentes penitenciários, os únicos que ainda mantêm contato direto com a população em privação de liberdade. Este relatório pretende discutir os impactos do Coronavírus em suas vidas, nas dinâmicas de trabalho e na maneira como interagem com os presos.

Tendo isso em vista, o presente relatório, organizado pelos pesquisadores da FGV e do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB FGV-EAESP), busca apresentar de forma sintética os dados extraídos de um survey online realizado com 301 profissionais da polícia penal de todas as regiões no Brasil. O intuito da pesquisa foi de compreender qual a percepção destes profissionais em relação aos impactos da crise em seu trabalho, bem-estar e modo de agir cotidianamente.

NOTA METODOLÓGICA

Os dados aqui apresentados foram coletados por meio da aplicação de um *survey online*, realizado entre os dias 15 de abril e 1º de maio de 2020. As limitações impostas pela pandemia impossibilitaram a realização de um desenho amostral probabilístico, de forma que a amostra foi coletada por conveniência, a partir das respostas voluntárias ao questionário. Por essa razão, os resultados aqui expostos não podem ser generalizados para todos os agentes penitenciários do Brasil. Foi obtida uma amostra com 301 respondentes que atuam em todas as regiões do país.

A crise do Coronavírus demanda diagnósticos emergenciais e respostas rápidas. Dessa forma, a estatística realizada nos resultados ora apresentados é puramente descritiva, uma vez que só pode ser vista como uma espécie de balanço sobre a população “entrevistada” (isto é, os 301 profissionais respondentes). É sobre a percepção dessas pessoas que se pode afirmar algo. A falta de inferência estatística, todavia, não invalida os dados, apenas circunda a análise a um universo específico.

No que se refere ao perfil da amostra, há uma concentração de respondentes que atuam na Região Sudeste do país (47,18%), com destaque ao Estado de São Paulo que sozinho computa quase um terço de

1 <https://www.sifuspesp.org.br/noticias/7624-nota-de-pesar-policia-penal-benedito-antonio-angelino>

2 <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-05/sistema-prisonal-de-sao-paulo-registra-22-mortes-por-covid-19>

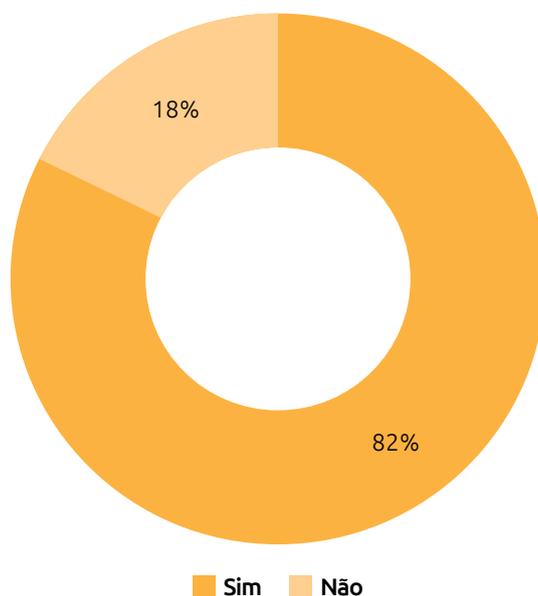
todos os respondentes. Em termos gerais, a divisão por sexo observada é de 27,24% mulheres, 70,76% homens e 2% que preferiram não declarar. Sobre a existência de vínculos prévios com a região que atua, 21,59% alegaram não possuir nenhuma relação antes da designação ao posto de trabalho, 57,48% disseram ter nascido na região e 15,28% apontaram que possuem vínculos prévios sem especificar quais. Ainda, mais da metade (52,83%) do total de respondentes disse que atua há pelo menos 10 anos como agente penitenciário.

PANORAMA GERAL: O QUE OS DADOS NOS DIZEM?

A primeira pergunta analisada é: *Você tem medo do Coronavírus?* O Gráfico 01 abaixo demonstra que, do total de respondentes (n = 301), 82,39% alegaram ter medo do novo Coronavírus. Vale ressaltar que a primeira morte no sistema prisional do país só se deu no dia 17 de abril, na cidade no Rio de Janeiro, quando a coleta de dados desta pesquisa já havia iniciado. O alastramento do vírus pelo sistema prisional pode contribuir para o incremento da sensação de medo, o que sugere que atualmente esse índice pode ser ainda maior.

Desagregados por região, os dados informam que a região Norte é aquela que apresenta a maior proporção de profissionais com medo (93,3%), seguida da Nordeste (90%), Sul (84,6%), Centro-Oeste (83,3%) e por último Sudeste (76,7%). Vale mencionar também que mais da metade dos(as) profissionais (54,8%) declarou que conhece algum(a) companheiro(a) que está infectado com Covid-19 ou com suspeita.

Gráfico 01 - Medo do Coronavírus



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

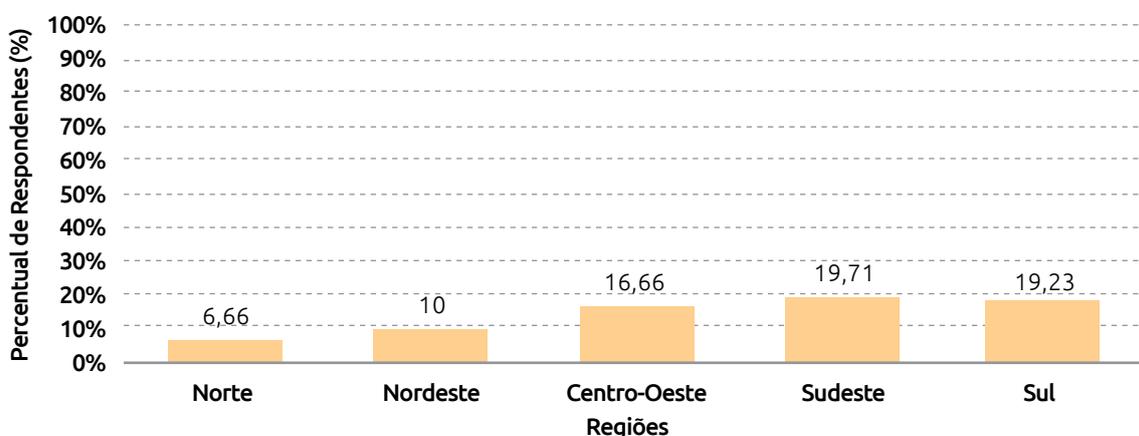
“Medo, pressão psicológica de contrair e passar para os familiares.”

“Aumentou o nível de stresse da massa carcerária e consequentemente de nós servidores.”

OS AGENTES PRISIONAIS E A PANDEMIA DO COVID-19

A segunda pergunta era: *“você se sente preparado para lidar com a crise do Coronavírus?”* Quanto à percepção geral de preparação para lidar com a crise do Coronavírus, 61,79% dos agentes não se sentem preparados e 21,93% ainda não sabem opinar a respeito. O Gráfico 02 demonstra uma diferença significativa desse resultado por região. Os profissionais que atuam na região Norte são os que menos se sentem preparados (6,66%), enquanto os da região Sudeste (19,71%) e Sul (19,23%) são os mais confiantes, embora os valores ainda assim sejam baixos.

Gráfico 02 - Proporção das percepções positivas quanto a preparação para lidar com a crise por Região (%)

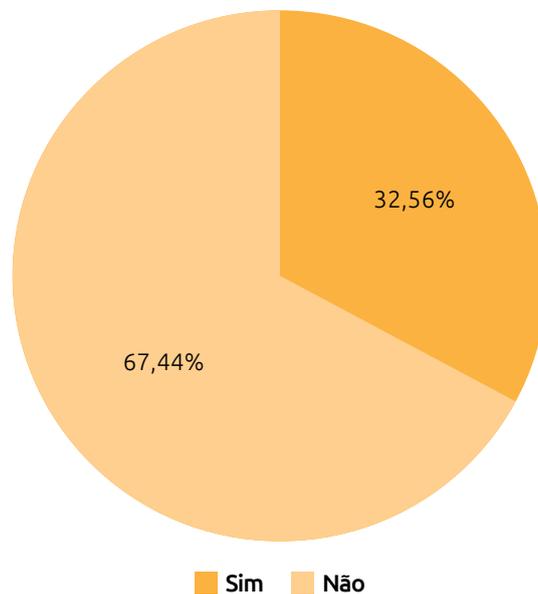


Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Outra questão central para entender as percepções frente à crise é a disponibilidade de equipamentos de proteção individual (EPI). O uso adequado de EPI de boa qualidade (como máscaras, álcool em gel, luvas etc.) é imprescindível, pois se refere ao uso adequado para manter os serviços essenciais funcionando de forma segura, sobretudo em áreas de constante interação, como é a dos agentes prisionais. Assim, chama atenção o fato de que apenas 32,56% (n = 98) do total de respondentes do questionário acredita que recebeu materiais adequados para trabalhar diariamente com segurança, garantindo a sua e a dos presos.

“Estamos há mais de um mês na pandemia, somos o braço do estado e o estado não nos deu equipamento de proteção. Tive que comprar meu álcool, minha luva, minha máscara.”

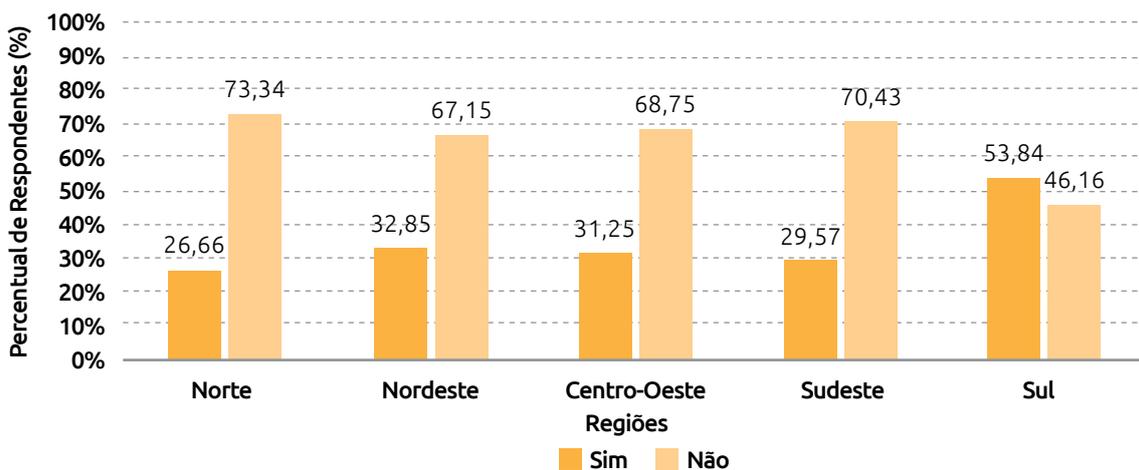
Gráfico 03 – Recebimento dos equipamentos necessários para enfrentar o Coronavírus



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

O resultado de recebimento de EPI por região é: Sudeste (29,57%); Sul (53,84%); Nordeste (32,85%); Norte (26,66%); Centro-Oeste (31,25%). Esse resultado ajuda a explicar o sentimento de despreparo dos profissionais para lidar com a crise nas cinco regiões.

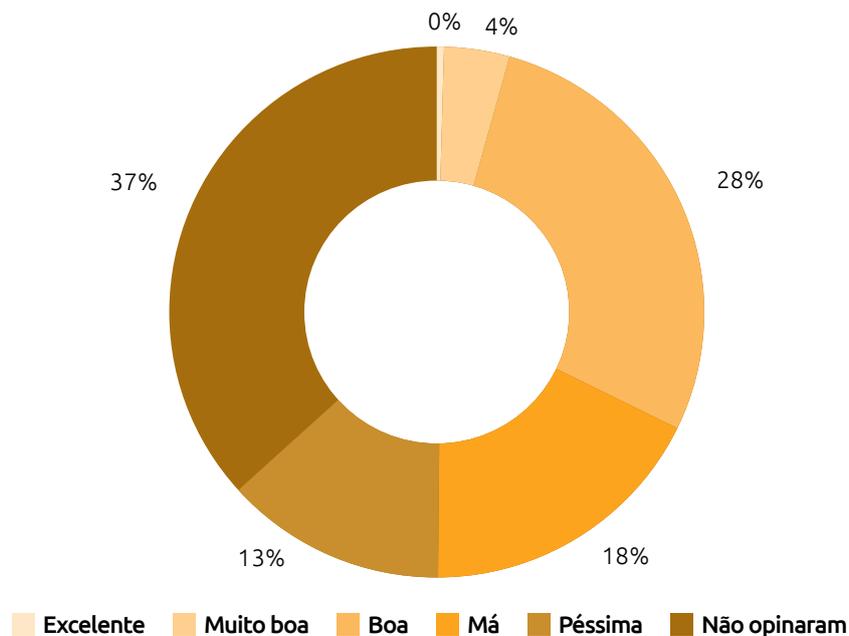
Gráfico 04 – Recebimento dos equipamentos necessários para enfrentar o Coronavírus por Região



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

O Gráfico 05 demonstra que 32,23% de todos(as) os(as) respondentes acreditam que a qualidade dos equipamentos recebidos é entre Excelente e Boa. Portanto, as respostas negativas (Má e Péssima) somam 31,23% e os que não souberam opinar são 37%.

Gráfico 05 - Qualidade dos equipamentos recebidos



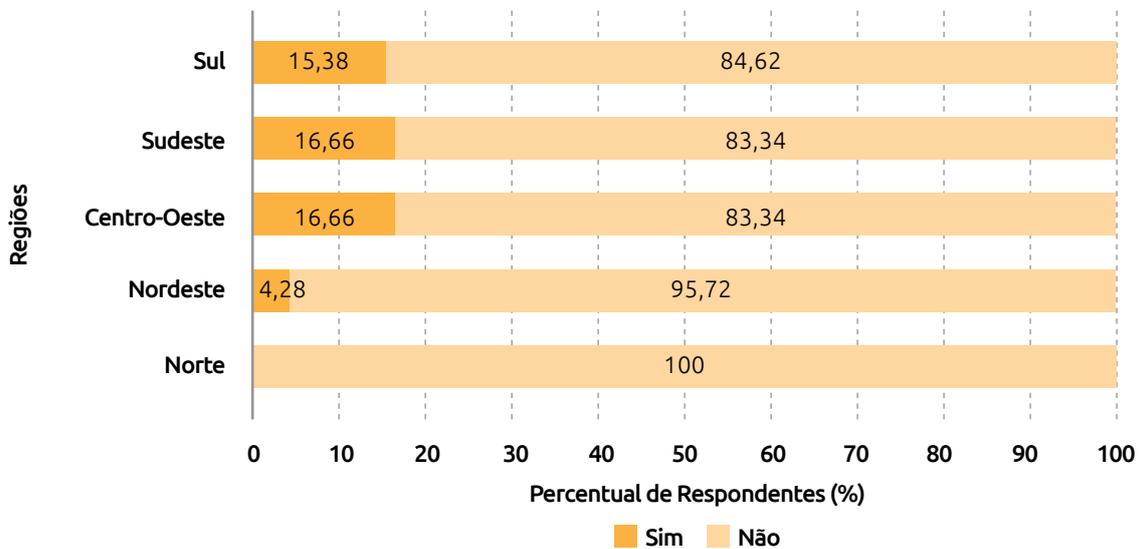
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Mais uma vez, quando observamos como esses dados se manifestam por região, temos que os profissionais que atuam na região Sul (61,53%) são os que mais acreditam na qualidade adequada dos materiais, seguidos daqueles da região Nordeste (31,42%). As demais regiões do país não destoam muito do Nordeste, sendo o percentual no Centro-Oeste de 29,16%, no Sudeste de 28,87% e no Norte de 26,66%.

Outra questão fundamental no enfrentamento à crise diz respeito ao treinamento e formação. Apenas 9,3% do total de respondentes afirmaram que participou de treinamentos para lidar com o coronavírus ou que receberam diretrizes sobre como atuar. Os resultados por região são: Sudeste (16,66%), Sul (15,38%), Nordeste (4,28%), Centro-Oeste (16,66%) e nenhum no Norte.

“Na unidade que estou lotado só vi sabão líquido e um borrifador, nada além disso. Nem luvas, máscara, álcool em gel ou mesmo uma triagem nos funcionários que chegam para trabalhar.”

Gráfico 06 – Participação de treinamento para lidar com a crise por região do país



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Os percentuais em todas as regiões são baixos, mas, dentre os que receberam treinamento, o hiato entre as regiões Sul e Nordeste supera 10 pontos percentuais, o que poderia indicar, junto aos dados expressos anteriormente, uma aparente desigualdade de acesso a recursos pelos(as) profissionais respondentes do questionário nessas localidades.

No que tange às relações hierárquicas, apenas 33,22% afirmou que recebeu orientações de suas chefias sobre como atuar durante a crise, enquanto 70,43% diz não sentir suporte de seus superiores para enfrentar a crise.

“Um pânico geral. Não sei do que me defender, nem como fazê-lo.”

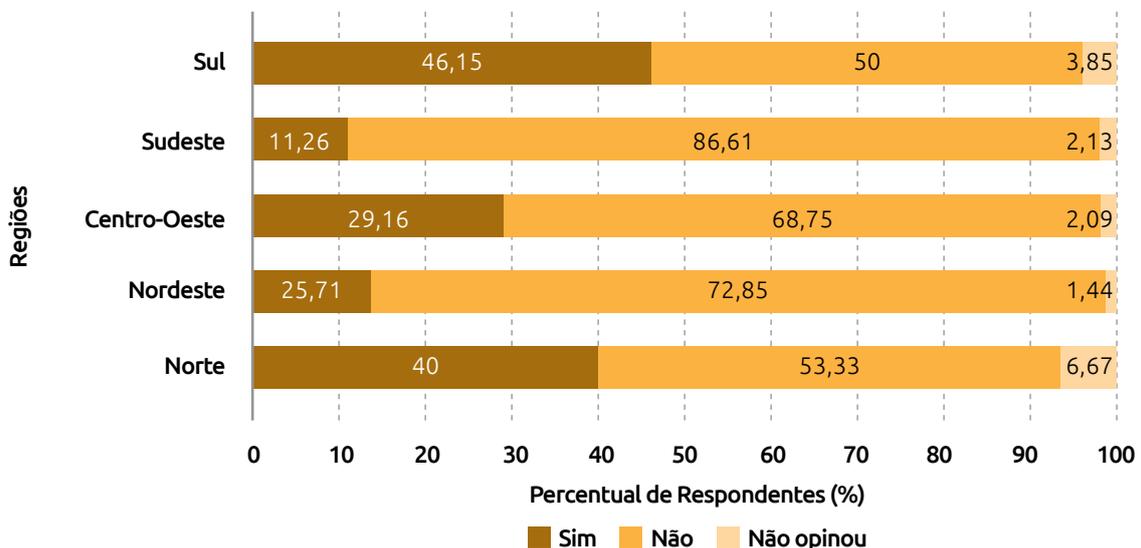
Questionados em que medida a crise afetou sua dinâmica de trabalho, cerca de 63,46% dos respondentes disseram que sim, com pouca variação entre as regiões. E 71,43% dos profissionais disseram que a crise alterou a relação que têm com os presos.

Entre as principais mudanças nas rotinas de trabalho e nas interações estão a preocupação adicional com medidas de higiene; as mudanças de escala de trabalho e rotinas trabalhistas (como férias, licença, etc). Os agentes penitenciários relatam também mudanças de procedimento para lidar com os detentos como: redução de escolta; alteração da movimentação dos presos dentro da penitenciária; mudanças relativas ao banho de sol; redução na revista dos presos e das celas e a diminuição de serviços dentro das prisões. Também apontam como mudança importante a cobrança maior de medidas de higiene por parte dos presos. Segundo os agentes penitenciários, há uma escalada no estresse dentro das prisões na medida em que as visitas familiares estão restritas e em várias unidades prisionais está proibida a entrada de produtos externos.

As consequências pessoais para os agentes penitenciários também têm sido bastante ruins. Além do aumento de trabalho, do medo e do estresse, vários profissionais relatam que estão afastados das próprias famílias para não correrem o risco de contaminá-las. Alguns deles, inclusive, deixaram suas casas e estão morando provisoriamente em hotéis ou residências coletivas.

Perguntamos também aos profissionais em que medida eles sentem que o governo estadual – principal ente responsável pela implementação das políticas penitenciárias no Brasil – os está apoiando durante a crise. O gráfico 07 demonstra que, em sua grande maioria, os profissionais não se sentem apoiados, embora haja diferença entre as regiões.

Gráfico 07 - Panorama por região sobre ações do governo estadual para proteger os(as) agentes penitenciários da pandemia



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados amostrais coletados na pesquisa. Fundação Getúlio Vargas.

Se observarmos por região, os resultados demonstram que os(as) profissionais que atuam na Região Sul são os que mais acreditam na existência de ações feitas pelo governo. Já na região sudeste é onde há menor sensação de apoio dos agentes por parte do governo estadual. Essa constatação poderia ser uma das chaves explicativas para as demais informações apresentadas.

RECOMENDAÇÕES

As análises acima mencionadas suscitam um conjunto de recomendações que deveriam ser atendidas pelos governos estaduais, garantindo a eles recursos, informações e proteção necessárias dada a importância de seu trabalho neste momento. A seguir elencamos algumas delas que, embora não esgotem as possibilidades, ajudam a construir uma agenda de ações:

“Além do ambiente insalubre, do medo, agora os presos estão mais agitados.”

- Distribuir e acompanhar o uso dos equipamentos de proteção individual de qualidade e em quantidade satisfatória para os profissionais que realizam contato com os presos;
- Distribuição massiva de testes rápidos, tanto para monitoramento da população carcerária, quanto dos agentes penitenciários;
- Formação e treinamento adequados para que os profissionais estejam mais preparados para enfrentar a crise, utilizando tecnologias simples, como vídeos com transmissão online, infográficos ou outros materiais de comunicação simples e assertiva que chegue na ponta rapidamente;
- Buscar junto às secretarias de saúde e atores públicos desenvolver políticas intersetoriais que visem à prevenção antecipada da contaminação e sua propagação nos ambientes prisionais;
- Os números de detecção entre os presos do Distrito Federal só foram possíveis devido aos testes em massa realizados na população carcerária, logo, a mesma atenção deve ser dada aos demais presídios do país, no intuito de não negligenciar a saúde dos presos nem dos trabalhadores;
- Avaliar a possibilidade de alteração de rotinas de trabalho e horários no período de pandemia com objetivo de reduzir o trânsito de agentes entre as unidades e o meio externo;
- Viabilizar alternativas que possibilitem o isolamento dos policiais penais contaminados durante a pandemia para que não haja contaminação do trabalho para suas famílias e vice-versa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIPSKY, Michael. Burocracia em nível de rua: dilemas do indivíduo nos serviços públicos. 2019 [1980]. Enap.

STATISTICS CANADA; STATISTICS CANADA. SOCIAL SURVEY METHODS DIVISION. Survey methods and practices. Statistics Canada, 2003.

NOTA TÉCNICA

OS AGENTES PRISIONAIS E A PANDEMIA DE COVID-19

REALIZAÇÃO

Fundação Getulio Vargas
Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB)



DIAGRAMAÇÃO